

GRIFE: O RISCO DO TRATAMENTO

Prof. Dr. Luiz Henrique Amarante

Em tempos de mais uma pandemia de gripe (esta não é a primeira e nem será a última!), relembro-me de um antigo comercial de TV que fazia a propaganda de um medicamento “antigripal”. Nesse comercial, dois personagens procuravam indicar a um terceiro, aparentemente gripado ou resfriado, o tratamento correto. Um defendia a “tese” de que o doente deveria tomar vitamina C e se repousar, o outro insistia que o correto seria usar um analgésico. Mas eis que surge um quarto personagem, muito seguro de si, sugere o uso de um antigripal. Fim do comercial: o doente está curado.

Não me recordo quando este comercial foi levado ao ar, só sei que eu era um garoto e, por isso, não deve fazer tanto tempo assim (por favor, acreditem!). Mas isso não importa. O certo é que sempre somos levados a acreditar que os medicamentos podem tudo: estou gordo? Metformina e um inibidor do apetite qualquer. Estou com o colesterol alto? Muito simples, uma estatinazinha resolve o problema. Há! O meu problema é que não durmo, lá vai um benzodiazepínico. Estou triste: não tem dúvidas, estou com depressão e preciso de uma fluoxetina. Mas, e o que faço para não “pegar” gripe suína? A resposta é imediata: devo usar um sache com cânfora no pescoço (sem comentários). E, por aí, caminha a humanidade... Afinal, o que não mata, engorda, não é mesmo?

É inerente ao ser humano buscar soluções milagrosas para seus problemas, principalmente quando o assunto é a saúde e a doença. Não que eu não acredite em milagres, mas como sempre falo para meus alunos: Deus ajuda, mas não dá cola. Existe até uma frase que sempre repito: Deus perdoa sempre, o homem... às vezes, a natureza: NUNCA.

O uso irracional de medicamentos e outras substâncias químicas é um sério problema, pois, além de causar intoxicações e reações adversas severas e, até mesmo letais, pode induzir na população uma falsa sensação de segurança.

É muito comum pacientes diabéticos, em uso de um hipoglicemiante oral ou insulina, acreditarem que está tudo bem, porque sua glicemia está dentro dos limites clínicos e, por isso, abandonarem as recomendações alimentares prescritas pelo nutricionista e/ou pelo médico. O resultado nós já conhecemos: elevação da glicose sanguínea, predispondo o paciente a doenças cardiovasculares e renais.

Adicionalmente, os dados mais recentes divulgados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) mostram que 34.582 pessoas se intoxicaram com medicamentos no ano de 2006. Destas, 106 vidas foram ceifadas porque fizeram uso incorreto daquilo que foi desenvolvido para curar. E isso representa apenas os casos que foram notificados ao SINITOX.

A prevenção da infecção pelo vírus Influenza pode ser realizada por meio da vacinação. Todavia, a vacinação até hoje existente é eficaz somente para os casos de gripe sazonal e não pela nova gripe (H1N1).

Para o tratamento dos sintomas, é permitido o uso de analgésicos e antitérmicos comuns. Entretanto, deve-se evitar o uso do ácido acetil salicílico (AAS, Aspirina) em crianças e jovens até 18 anos, devido ao risco do desenvolvimento da Síndrome de Reye, que tem como principais manifestações encefalopatia e insuficiência hepática.

Medicamentos denominados “antigripais” que contenham em sua formulação antialérgicos (o que é muito comum), também devem ser evitados, pois os antialérgicos são antagonistas de receptores da histamina do tipo H1, que apresentam como reação adversa secamento das vias aéreas e consequente diminuição de anticorpos locais, exatamente no momento em que o indivíduo mais precisa de proteção contra infecções oportunistas e contra o próprio vírus Influenza.

A cânfora, na “prevenção de doenças”, foi usada pela primeira vez no ano de 1665, na tentativa de se controlar o surto de peste que matou 100 mil pessoas em Londres, o que representou 25% de sua população. Todavia, estamos no século XXI e o uso de sachês contendo cristais de cânfora está totalmente contra indicado na prevenção da gripe ou de qualquer outra doença, pelos seguintes motivos:

- 1- Em pesquisa realizada na base de dados na *The U.S. National Library of Medicine and the National Institutes of Health (USA)* e na biblioteca virtual do *Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, da OMS/OPAS*, não se encontra qualquer evidência científica sobre a eficácia ou utilidade da cânfora como antiséptico ou antiviral.
- 2- Proibição pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), desde 2001, do uso da cânfora em gestantes e crianças abaixo de dois anos de idade.
- 3- A dose letal da cânfora, por via oral, para crianças é de 1 (um) grama somente. E se a criança engolir o sachê?
- 4- Hepatotxicidade confirmada para adultos, na dose de 2 gramas, por via oral.

5- A cânfora atravessa a placenta e pode causar efeitos embriofetotóxicos (lesão no feto), morte do feto e abortos.

6- Indução de uma falsa sensação de segurança com conseqüente descuido das medidas adequadas de prevenção.

Como tratamento farmacológico em indivíduos com gripe sazonal ou com a nova gripe (H1N1), a Organização Mundial da Saúde preconiza o antiviral Oseltamivir.

Esse fármaco é um inibidor da neuraminidase, uma glicoproteína viral essencial para a replicação e liberação do vírus. É uma pró-droga que deve ser administrada por via oral, pois sofre ativação no intestino e no fígado.

O Oseltamivir não deve ser usado como profilaxia (evitar “pegar a gripe”). Exceção faz-se para profissionais da saúde que manipularam amostras biológicas contaminadas pelo Influenza A (H1N1) sem o uso de Equipamento de Proteção Individual, o que configura um grave erro do profissional.

O uso em gestantes deve ser muito criterioso e indicado somente se o benefício justificar o risco potencial para o feto.

Enfim, a população deve se conscientizar que, se forem adotadas as medidas determinadas pelas autoridades sanitárias, não se deixarem levar por promessas de remédios milagrosos e sem comprovação científica, adotarem uma alimentação equilibrada, realizarem atividade física orientada por profissional de educação física e, sobretudo, se usarem medicamentos somente com prescrição médica e com a devida orientação do farmacêutico, as conseqüências da nova gripe (H1N1) ou de qualquer outra doença infecto-contagiosa serão minimizadas.

Como disse Molière: É nossa impaciência que estraga tudo, e a maior parte dos homens morre de seus remédios e não de suas doenças.

Prof. Dr. Luiz Henrique Amarante
Farmacologista e Toxicologista Clínico
Ph.D. em Ciências: Farmacologia e Fisiologia

Contatos:

Web Site: <http://www.amaranteconsultoria.com.br>

E-mail: drlha@ymail.com

Observação:

Este artigo é uma orientação para profissionais e alunos da área de saúde. Aconselha-se ao leitor somente utilizar medicamentos prescritos pelo seu médico ou dentista e com a devida orientação de um farmacêutico.
